A FEMINILIZAÇÃO DA FEMINIZAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Elomar Tambara UFPel tambara@ufpel.tche.br

Resumo

Este trabalho teve como objetivo investigar a construção do perfil do docente profissional da educação em séries iniciais como uma decorrência de uma intencionalidade vinculada ao processo de formação da sociedade brasileira. Tendo como fonte os principais manuais de pedagogia utilizados nas escolas formadoras de professores no Século XIX identificaram-se as características propugnadas pelos mesmos como sendo constitutivas do "bom professor". Resultando numa identificação entre essas e as propugnadas para "as mulheres de bom comportamento".

Palavras chaves: Formação docente; Feminilização do magistério; Manuais pedagógicos

O século XIX é marcado pela tentativa de cientifização do ato pedagógico. Sem sombra de dúvidas, há a construção de um imaginário que, sob certo aspecto, quer transferir para o processo de ensino-aprendizagem os mesmos ditames que estavam se consolidando em outras áreas tanto das ciências humanas quanto das ditas exatas como a sociologia e a física, por exemplo.

As ciências humanas, de modo geral, sempre tiveram dificuldades em deixar-se impregnar dos elementos caracteristicamente identificados com o método científico. Apesar do cientificismo e mesmo do racionalismo que, mormente a partir do renascimento e do iluminismo, tomaram conta de diversos paradigmas científicos e que tiveram sucesso nas ciências sociais o que se observa é que, em termos pragmáticos, nas ciências da educação os resultados positivos foram relativamente tímidos.

De qualquer forma, no caso da atividade docente no século XIX, pode-se observar que houve o início de uma construção mais delineada e determinada de um perfil profissional que, direta ou indiretamente, pudesse identificar no mercado de trabalho o sujeito não apenas com um múnus singular, mas também,

ou principalmente, detentor de características profissionais que tornassem o ato de ensinar inerente a quem as detivesse.

Tais requisitos, a exemplo de outras profissões, dariam não somente visibilidade a quem os detivesse, mas também constituiriam um atestado de capacitação técnica e profissional perante a sociedade.

Assim, advogava-se a construção de métodos próprios, de características específicas, de estratégias pedagógicas singulares, e acima de tudo procurava-se identificar os elementos que deveriam compor a figura de um bom professor. De modo geral, as autoridades costumavam atribuir à figura do professor o baixo desempenho do sistema escolar à época.

Em decorrência, uma das principais medidas advogadas foi a construção de escolas normais com o intuito de formar com cientificidade os docentes. Neste sentido, em praticamente todo o mundo ocidental, observa-se a proliferação deste estratagema para tentar solucionar o problema educacional.

De modo que, nesta época se passou a ter uma referência mais sólida dos mecanismos que eram necessários para formatar um indivíduo no sentido de transformá-lo em professor. E, sob certo prisma, fugir das decisões empiristas que enxergavam em qualquer sujeito, com certa ou presumível ilustração, a capacitação para ensinar.

Começam então a proliferar os compêndios e os métodos que difundiam, nestas escolas, quais seriam as características a serem incentivadas, ou mesmo criadas, no sentido de se formarem bons professores.

A partir de meados do século XIX, com maior ênfase, ocorreu um processo de transferência da competência do ato de ensinar, particularmente nas séries iniciais para o gênero feminino. O que deve ficar bem claro é que este processo não significa, pelo menos em um primeiro momento a assunção de que o trabalho docente seja "coisa de mulher". Mas sim, a compreensão de que o trabalho com o ensino nos anos iniciais exigiriam do docente determinadas qualificações que socialmente são identificadas com o feminino.

De modo que, o processo de feminização do magistério está umbilicalmente vinculado ao entendimento de que a boa prática do exercício profissional está associada à assunção de características tradicional e socialmente vinculadas à mulher.

Em outras palavras, um dos elementos fundamentais para a abertura do mercado de trabalho à mulher vincula-se ao processo de construção de um

imaginário social em relação ao perfil do magistério identificado com o feminino. Isto é, em princípio, não é o fato de mulher ocupar estes postos de trabalho que os tornaram mais femininos, embora, obviamente, em um segundo momento esta situação serviu para consolidar tal processo.

O que se observa é que, com maior ênfase, o discurso de que o magistério é um lócus privilegiado, senão exclusivo do sexo feminino ocorreu no final do século XIX e início do século XX.

Esta abordagem pode ser percebida, por exemplo, nos diversos congressos científicos que então abertamente passam a defender uma reserva de mercado para a mulher atribuindo a mesma a posse dos elementos então definidos como exigências para o bom desempenho do exercício profissional no magistério primário.

Na "Terceira Reunião do Congresso Scientífico Americano" celebrada na cidade do Rio de Janeiro, em 1905, D. Inez Sabino Pinto Maia assim se manifestou em sua memória:

> "Com o direito que me assiste de dizer o que penso e o que observo, creio que a renascença da brasileira se dará quando a nossa instrução pública estiver, desde a sua diretoria, exclusivamente sob a direção de senhoras educadíssimas, que velem pelo seu adiantamento, iniciem a sua reforma depois de viagens de instrução à Europa e aos Estados Unidos, já de posse de outros hábitos e costumes, aliados ao temperamento do nosso povo, substituindo a indolência pela atividade, que irá até o prazer de aprender, sejam os livros em todos os sentidos feitos por escritoras de mérito, desaparecerão estou bem certa os defeitos capitais que hoje possuímos." (MAIA, 1905, p. 27)

Observa-se nitidamente ainda neste momento um crivo de classe social que atribuía uma correlação entre as questões de gênero e as de classe social. Isto é a boa professora deveria provir dos segmentos mais "civilizados" da sociedade.

> "Na educação sólida da mulher que vai da virtude moral às virtudes sociais, abstraem-se naturalmente as mulheres de baixa condição, sem privilégios de sentimentos cultos, pelo brutal meio em que vivem; elas não tem maneiras, o físico é desenvolvido pela ginástica quotidiana do trabalho pesado; o todo é rústico; os ossos são largos, pés e mãos grandes, dedos grossos e vermelhos e o riso bestial." (Idem, p.22)

Revela-se, claramente, a diferença de cunho ideológico e de construção da subjetividade feminina com um perfil muito bem definido e que, de certa forma, vai caracterizar o pertencimento da professora a um específico estamento social. Que, por suas características especiais, constituem-se em mestras com o perfil

adequado para exercer a atividade profissional do magistério. Assim como a descreve D. Inez:

> "Na boa classe conheço senhoras que além de educadas são ilustradas, tem muita leitura, conversam bem, algumas com certa verve, outras com certo acanhamento, sem contudo esquecerem que as rendas, as fitas e a moda são seu apanágio especial, pois que o vestirem-se como homens somente atrairia sobre si o ridículo de todos. " (Idem, p. 23)

Neste mesmo Congresso D. Maria Clara da Cunha Santos apresentou uma memória intitulada "A aptidão da mulher no exercício da educação infantil é a razão suficiente para que o Estado lhe confie exclusivamente o ensino primário?" na qual a mesma discorre positivamente sobre a questão proposta no título da memória. É interessante perceber que o principal argumento apresentado pela autora é o fato das mulheres serem dotadas de maior "quinhão de paciência" de "maior soma de tolerância" além de um "sentimento de piedade" mais intenso. Assim, segundo D. Maria:

> "Coube à mulher, nas distribuições das graças por Deus concedidas, maior quinhão de paciência, maior soma de tolerância para as fraquezas da humanidade.
> E se há qualidade susceptível de aperfeiçoamento é sem dúvida a paciência. Com essa virtude, bem guiada, conseguem-se verdadeiros milagres. O ensino primário exige grande soma de paciência. E tão difícil compreender o coração da infância.
> Com o correr do tempo, a mulher vai, a pouco e pouco, aperfeiçoando seu espírito e retemperando seu coração, pelo sofrimento inevitável que os anos trazem. E quanto mais sofre o coração da mulher, mais meigo se torna para a infância, para os pobres, para os desprotegidos.
> Isso não sucede em geral com o homem. O sofrimento, as mágoas, as injustiças o tornam menos resignado, menos paciente" (Idem, p.152)

E continua a autora em sua argumentação para justificar que caberia exclusivamente à mulher o exercício do magistério na educação infantil:

> "Mas (...) a paciência, perdoem-me os cavalheiros que me ouvem, é apanágio da mulher.
> Esse privilégio é quase exclusivamente dela.
> E sendo assim, está pela natureza indicada para o ensino primário, no qual se consomem tantas energias, vitalidade e sobre tudo grande dose de paciência." (Idem, p.153)

A esses argumentos arremata D. Maria com o do sentimento de piedade do qual a mulher é mais dotada e que a torna por excelência a mestre das crianças:

> "É ainda o sentimento de piedade, que se aninha no coração da mulher, o único que vem em favor da infância, neste caso, atenuando as faltas de sua memória, faltas aliás justificáveis.
> O professor não tem a mesma tolerância que tem a professora quando a criança esquece o que lhe deram a decorar! Eu mesmo tenho observado esse fato algumas vezes." (Idem)

D. Antonio da Costa em sua obra "A instrução nacional" elabora uma análise bastante representativa desta concepção no capítulo onde propõe que se entregue à mulher a instrução primária do sexo masculino. Neste texto o autor propugna que "é a mulher a educadora por excelência" (p. 213) embora restrinja esta proposição em relação ao ensino das séries iniciais, pois propõe "entregar aos homens a secundária e superior e a mulher o ensino primário" (idem).

Segundo D. Antonio, há ainda um outro aspecto, não menos importante, a ser associado á questão da feminilidade do magistério que é a questão da maternidade.

> "A razão por que a mãe é professora preferível a outra qualquer mulher, é a mesma por que a mulher em relação a qualquer menino é professora preferível ao homem. Há mais semelhança nas duas naturezas infantil e feminina. A inocência, a curiosidade, a bondade, o sentimento, as lagrimas, os sorrisos e até a voz, tudo se harmoniza na mulher e no menino. Todas as leis do coração levam o menino para a mulher e não para o homem; e que admira isto, se foi nas entranhas femininas que ele recebeu já uma ante-vida?
> D'esta razão natural derivam-se as qualidades especiais da mulher como educadora e mestra". (COSTA, 1870, p. 214)

Entretanto é preciso ter presente que, obviamente, estas teses não eram unanimidade na comunidade científica que trabalhava com educação. Eram freqüentes as manifestações que tentavam refutar o entendimento de que a mulher teria uma aptidão "natural" para o magistério primário. Assim, por exemplo, neste mesmo congresso, Teodoro Augusto Ribeiro Magalhães, em sua memória intitulada "È justa e conveniente a obrigatoriedade do ensino primário? Quais os meios de torná-la efetiva?" manifestou-se contrariamente à estas prerrogativas das mulheres:

> "A natural predisposição de alguns caracteres para o ensino, distingue-se em ambos os sexos e é uma qualidade destacável em qualquer professor. Não é, pois, peculiar às senhoras; puro engano assim se acreditar, desfeito na observação quotidiana."(MAGALHÃES, 1905, p. 198)

No final do século XIX, os elementos constitutivos do bom professor, não apenas estavam delineados cientificamente por eruditos estudiosos do ato de ensinar, mas, principalmente, eram transmitidos nas escolas de formação de professores como ícones da construção de uma nova pedagogia cuja principal característica era escapulir da estrutura amadorista com que a constituição, a seleção e mesmo a formação do professor era efetuada.

Esta construção está vinculada, portanto, à difusão do trabalho de reconhecidos pedagogos ou estudiosos do ato pedagógico que elaboraram manuais de ensino que se destinavam a prescrever comportamentos, atitudes e qualificações que comporiam o sujeito que desempenharia o papel de professor. Estes manuais transformam-se em bíblias nas escolas de formação, e, a partir dos mesmos, procurava-se introjetar nos candidatos ao magistério as virtudes e procedimentos técnicos considerados indispensáveis para o bom desempenho profissional.

Dentre os que maior influência exerceram no Brasil, se destacam o *"Curso Normal para professores de primeiras letras"* elaborado pelo Barão De Gerando, o *"Curso practico de Pedagogia destinado aos alunos-mestres das escholas normaes primarias"* redigido por Mr. Daligault, o *"Curso theorico e pratico de pedagogia"* escrito por Michel Charbonneau, o *"O Ensino Público"* escrito por Antonio de Almeida Oliveira e ainda destacamos por seu aspecto institucional o trabalho coordenado por José Maria da Graça Affreixo e Henrique Freire *"Elementos de pedagogia para servirem de guia aos candidatos ao magistério primário"* que, embora publicado em Lisboa, teve grande influência no Brasil.

O Barão De Gerando enumera as seguintes características como constituintes de um bom professor: **amor, caráter, bondade, vida pura, vida social, paciência.**

Com este mesmo teor Deligault apresenta os seguintes aspectos que constituiriam a formação de um professor de série iniciais: **bondade, firmeza, paciência, regularidade, zelo, pureza de costumes, piedade cristã, polidez, prudência, desinteresse, amor do retiro.**

Para Charboneau as principais qualidades e condições necessárias para exercer dignamente as funções de professor eram: **Vocação, modéstia, prudência, delicadeza, amor da solidão e do estudo, piedade e bons costumes, bondade e afeição pelas crianças, firmeza,, paciência, pontualidade e zelo.**

Oliveira no capítulo *"Do professor, suas qualidades e suas virtudes"* resume em uma poesia suas concepções:

"Puro nos costumes, no dever exato
Modesto, polido, cheio de bondade,
Paciente, pio, firme no caráter,
Zeloso, ativo e tão prudente
Em punir como em louvar;
Agente sem ambições apóstolo
Em quem a infância se modela,
Espelho em que os mundos se refletem,
Mito e sacerdote, juiz pai,
Eis o mestre, eis o professor" (2004:204)

Os autores portugueses, por sua vez, enumeraram as seguintes categorias como qualidades e disposições que um bom professor deveria possuir: **vocação natural, vocação adquirida, piedade, modéstia, prudência, boa educação ou civilidade, recolhimento, amor pelo estudo, caridade, pureza de costumes, zelo, firmeza de caráter, justiça, desinteresse, robustez, pudor**.

Todos os autores fazem uma análise pormenorizada de cada elemento que propõem com a preocupação de delinear com relativa precisão o que concebem para cada item. È importante ter em mente que há uma intercomunicação entre estes autores de modo que se pode afirmar que a construção da figura do professor está associada a um processo histórico-social. De qualquer forma, o que se observa é que há uma convergência de concepção da figura do professor que deveria ser configurado nas escolas formadoras de professores. Há uma particular afirmação nos aspectos atitudinais e comportamentais em detrimento dos aspectos técnicos e particularmente em termos de domínio do conteúdo.

No item em que descreve a importância do AMOR De Gerando caracteriza bem como este item é um elemento definidor da atuação profissional:

> " Perguntar-vos-ei antes de tudo se amais meninos e gostais de viver no meio deles. Será este o mais certo sinal de vossa vocação; (...) Á vista de meninos sentis para com eles natural inclinação de benevolência? Não vos enfada seu estouvamento nem importunam suas perguntas? Não vos desalentais com sua ignorância, nem desgostei de sua grosseria? Comoveis-vos, considerando-os, daquela ingênua inocência que neles respira ? (1839, p. 25)

De Gerando em termos de CARATER entende que o bom professor deve ter a percepção de que é seu exemplo como pessoa e cidadão que atua sobre a construção ética e moral dos aprendizes. Neste sentido preconiza um comportamento que requer um autocontrole do professor exemplar:

> "Cumpre que nunca em vós ressumbre agastamento, enfado, nem capricho, arrebatamento ou fraqueza. O menino vos espreita e observa com cuidado e agudeza, por estar dependente de vós. Se não souberdes conter-vos, ele descobrirá que em si mesmo tem poder sobre vós, e pouco disposto estará a obedecer-vos. Se pelo contrário souberdes sempre moderar-vos; se vos não puderem irritar nem alterar, se fordes sempre igual e o mesmo, então naturalmente se dobrarão a vossas leis... "(Idem, p. 26)

Segundo o Barão um outro quesito que comporia a figura do professor seria a BONDADE

> Deveis com antecipação dizer: grande e copiosa provisão de bondade é de mister a quem se dedica ao emprego de professor do ensino primário. Será preciso que esta bondade açude a todos os momento, circunstancias e caracteres; necessário será que resista ao descontentamento causado pelas fastas, ao desalento produzido pelos erros, aos movimentos que poderiam fazer degenerar em fraqueza, ao cansaço na fadiga, e à dor de nos vermos às vezes desconhecidos. ... (Idem, p. 28)

Chama atenção a ênfase como que o Barão de Gerando enfatiza o aspecto comportamental, mormente no que diz respeito ao exemplo que os professores deveriam dar aos alunos, e, de modo especial, e a atenção que os professores deveriam ter em relação aos costumes. Aspecto este, de modo geral, associado ao que se considerava, á época, vícios dentre os quais se destacam os desregramentos associados ao alcoolismo, ao jogo e á sexualidade. Os quais denotariam a inexistência de uma das principais características do bom professor a: VIDA PURA

> Não necessito dizer, que deve o professor não só ter vida pura e sem tacha, mas que nem se quer se deve expor à mais leve suspeita a respeito dos bons costumes. Afaste-se, fuja, não se anime a tocar na infância, o que tiver coração corrompido! Bastaria seu hálito para contagiar aqueles tenros corações. Quem entregaria o deposito da inocência a mãos impuras? (Idem, p. 31)

O Barão preocupava-se em caracterizar a VIDA SOCIAL que deveria pautar o comportamento do professor. Em verdade o objetivo era evitar que o professor se contaminasse com o contato com pessoas que eventualmente não pautassem

seu comportamento com as regras que o mesmo achava consentânea com os procedimentos de um bom professor.

A idéia era a de construir alguém relativamente imune ao contágio, pois apesar de toda a formação recebida subentendia-se que o risco de cair em tentação era relativamente grande. Em suma o professor deveria preocupar-se exclusivamente com sua prática escolar e procurar afastar-se dos conflitos que eventualmente a sociedade em que estava inserido apresentasse.

> Quereis saber qual é o infalível segredo de acarear consideração? Eu vo-lo declaro, obtende a estima geral; não vos sujeiteis a dependência; recusai todo favor, fugi das companhias e de todas as relações d'intimidade. Tende sim amigos, mas escolhidos com escrupuloso cuidado, e sejam tais que a estima de que gozem venha a recair em vós. Não tomeis parte em desavenças; não figurei em disputas de particulares interesses. Sede sempre estranhos às rixas e enredos, que amiudadas vezes surdem até nas mais pacificas aldeias e nelas dividem os espíritos. ... (Idem, p. 30)

Estes elementos são muito bem definidos por Mr. Daligault quando demoradamente se detém em explicitar a importância que o professor deve atribuir ao AMOR DO RETIRO. Em suma, o que o pedagogo propõe é praticamente uma vida à parte da sociedade. É a vida de um indivíduo que, embora esteja inserido na sociedade por sua atividade profissional, está dela alijado em sua vida social. É uma vida de precaução, de auto-preservação, na verdade, de alienação.

Pela importância atribuída a este modus vivendi, nos damos a liberdade de nos alongarmos nas citações que reforçam esta construção social do professor:

> "O modo de viver do professor deve estar em harmonia com a exigência das funções que exerce; e estas funções – graves e santas – impõem-lhe privações, com as quais deve conformar-se, sob pena de incorrer em censura, ou em menosprezo talvez. O que é certo é que bem pouca confiança nele depositarão, se, apenas findas as horas de aula, virem-no andar, vagando ociosamente ora aqui, ora ali; se nos dias feriados dedicar-se a caçadas, freqüentar os jogos públicos, concorrer às reuniões da aldeia, ou mesmo tomar parte nas danças, que o uso locar parece às vezes autorizar, etc. Algumas dessas distrações não são dignas de um homem sério; outras só quadram a ociosos, e todas elas teem inconvenientes e podem ser ocasião de funestos males." (Daligault, 1874:32)

> "E principalmente no interior da sua casa que ele deverá procurar suas distrações ordinárias. Se tem família, os cuidados e afeições domesticas encher-lhe-ão os intervalos de descanso de um modo ao mesmo tempo agradável e útil. Se não a tem, o entretenimento do seu jardim, a cultura das flores, o enxerto e decote das arvores lhe fornecerão doces e inocentes gozos..." (idem)

> "Mas tenha cuidado (e toda a insistência é pouca nesta recomendação) de não cercar-se senão de obras serias e úteis ! livre-se principalmente da leitura desses romances, tão comuns presentemente, e que só servem de transviar o espírito, falsear o juízo, corromper o gosto e efeminar o coração." (idem, p. 33)

É interessante notar que, sem questionamento, um dos itens mais ressaltados pelos autores como constituinte do perfil de um professor de boa prática pedagógica está a **paciência**. Neste sentido, De Gerando afirma que **"**Tereis sem embargo necessidade de verdadeira coragem, convenho, e já vo-lo disse. Ser-vos-á de mister uma espécie de coragem pouco conhecida, não vulgar e mui dificultosa: a da paciência" (De Gerando, 1839:33)

Entretanto esta é uma característica fundamental e, ao mesmo tempo, com muita dificuldade na sua consecução. Mr. Daligault depois de explanar longamente sobre a importância da paciência no exercício profissional do magistério primário transfere para o sobrenatural a persistência do professor em seu posto de trabalho. "Quando ele sentir enfraquecer-se-lhe o animo, ou fugir-lhe a paciência, uma aspiração para o céu, ou um volver d'olhos para o crucifixo, bastarão para tranqüiliza-lo e fortalece-lo. (Daligault, 1874:9)

Aliás, este autor enfatiza em sua construção do profissional da educação o ítem Piedade Cristã. Este componente pode parecer a primeira vista uma decorrência natural de um mundo ocidental caracterizado por uma hegemonia judaico-cristã não fora o fato de que o século XVIII e, de modo particular, o XIX, se caracterizarem por serem os momentos de emergência e consolidação de cosmovisões que plasmaram uma dimensão de secularização do ambiente escolar.

De forma que, é fácil perceber nestes manuais um movimento contra-hegemônico no sentido de restaurar no cotidiano escolar hábitos, costumes e rotinas de cunho nitidamente ultramontano ou, pelo menos, consubstanciados na doutrina social da igreja particularmente a encíclica Divini Illius Magistri.

De forma similar Affreixo & Freire no item Piedade Cristã descrevem bem este entendimento;

> "Este sentimento que eleva o coração humano à adoração do seu creador, deve ser o mais precioso adorno do verdadeiro missionário da instrucção. A religiosidade sincera traz comsigo a perseverança, a devoção ao sacrifício e o ardor em bem obrar, que é o segredo de todo heroísmo" (1875:9)

Toda esta construção, obviamente está vinculada á PUREZA DE COSTUMES. O professor tem sob os ombros uma responsabilidade que lhe impõe comportamentos delineados num espectro relativamente estreito em termos de liberdade pessoal. Em princípio, é ele refém de sua atividade profissional. Mr. Daligault depois de caracterizar demoradamente o que entende por pureza de costumes adverte: "O infeliz, que com a lepra de que estivesse infectado deixasse manchar as almas cândidas que lhe foram confiadas, tornar-se-ia digno da execração dos homens e da maldição de Deus." (1874: 65)

A questão da pureza dos costumes se torna mais importante no caso da professora e isto pode ser percebido quando Affreixo & Freyre inserem no seu discurso, a respeito dos costumes, a categoria pudor:

> "Se a pureza de costumes é tão importante no professor, o pudor é dos indispensáveis requisitos d'uma professora.
> A missão do professor é difícil; mas a da professora é sempre muito mais árdua. A mulher foi predestinada para sacrário de afetos mais intensos do lar, a sua educação requer por conseqüência cuidados especiais.
> A sociedade avalia pelo pudor da mulher a sua coroa de virgem, a sua virtude d'esposa e a pureza de sua maternidade. É ainda este sentimento o maior vinculo que lhe prende na fronte o respeito da família." (1875:12)

Denota-se, portanto, uma preocupação com o professor muito mais intensa na constituição de hábitos e costumes do que na formação intelectual. A atenção se volta mais para o exemplo que o mesmo poderia dar aos alunos e à comunidade como um todo do que para o desempenho profissional propriamente dito. Este aspecto pode facilmente se apreendido na digressão que Mr. Daligault faz em relação ao item PRUDÊNCIA:

> "Terá o cuidado de não freqüentar os lugares públicos, como cafés, botequins, etc. Não porque suponhamos que ali possa ele afogar no vinho a sua razão; para entregar-se a tais excessos é preciso ter perdido o senso moral, e haver calcado aos pés todas as leis da decência. Não bastará, porém, a sua presença em tais lugares para dar um mau exemplo aos meninos, ao mesmo tempo às famílias motivo legitimo de desconfiança? Ninguém ignora que de ordinário pouco honra a companhia que ali se encontra, e que é mortífero o ar que ali se respira. Em suma, a frequentação dos botequins é uma das faltas para as quais tem a lei estabelecido severas penas. O professor, pois, deverá resistir a todas as instancias, que imprudentes amigos fizerem para arrastarem-no a tais casas.
>
> Não é raro vermos suscitarem-se as discensões no seio das comunas. Então um dos partidos em capo tem ordinariamente por fim desmontar a administração municipal, ou pelo menos o seu chefe. O professor deverá

> conservar-se completamente estranho a semelhante contendas" (1874, p.26)

De forma idêntica Affreixo e Freyre reafirmam este comportamento que deve pautar a vida do professor quando tratam do item PRUDÊNCIA:

> "O professor evitará pois as reuniões ruidosas, a sociedade com indivíduos de caráter barulhento. O seu viver de família deve ressentir-se d'essa mesma tendência, e a paz e a harmonia deverão constituir a primeira virtude do seu lar domestico." (1875:9)

Estes ideólogos constroem um protótipo de professor absolutamente coerente com um perfil judaico-cristão, no qual a principal característica é a alocação de primícias socialmente ditas femininis. Assim, após discorrer longamente sobre o item BONDADE, da importância desta virtude para o desempenho profissional do magistério, Daligault retorna a questão do amor. Segundo ele:

> "Mas para que seja amado dos meninos, é preciso também amá-los e amá-los é estar satisfeito no meio deles, é achar encantos naquela graça ingênua, que lhes brilha na fronte; é animar a sua timidez, proteger a sua fraqueza, tomar parte em seus pesares, é preocupar-se do futuro que os aguarda nesta e na outra vida; em uma palavra, é ser inteiramente devotado a tudo o que lhes interessa. " (p. 5)

Um dos requisitos mais enfatizados na construção do imaginário do ser professor neste período foi o da assunção que o magistério mais que uma vocação, item também bastante valorizado, pressupunha um ato voluntário de abnegação, de desprendimento e, mesmo, de mortificação. Portanto, sob certos aspectos, era um viver incompatível com muitas das práticas ditas mundanas.

O magistério exigia uma devoção e uma doação total, que frequentemente se chocava com opções familiares e mesmo sociais. Dentre os aspectos mais salientados está o item DESINTERESSE. Desinteresse este que, frequentemente, se resume na renúncia por uma remuneração digna. De modo geral, esta assunção significa a opção pelo exercício de uma função social que abstrai o aspecto profissional. De maneira que, o ato de ensinar passa cada vez mais a ser visto como um ato social composto por abnegação, sacrifício e doação.

Daligault, caudatário de De Gerando, neste aspecto, elucida bem tal comportamento:

> "O que pretendemos é pô-lo de sobreaviso contra o prurido do ganho, incompatível com a nobreza de sentimentos, e mesmo com o

> cumprimento do dever. O professor, diz M. de Gerando, que fizer da sua profissão uma espécie de especulação mercantil, não só desconhecer-lhe-a o verdadeiro caracter, como também sacrificará o meio principal de poder dela sair-se bem." (Daligault, 1874:28)

> "Enfim, o professor deverá saber fazer o sacrifício do seu interesse particular ao interesse público. Aquele que, descontente da posição modesta que lhe tiverem destinado ao começar a carreira, tudo envidar para dela sair o mais depressa possível" (idem,p. 30)

Sem dúvidas há a construção de um perfil de exercício de um trabalho desprofissionalizado, isto é, procura-se vincular as recompensas àquelas que fogem as relações de trabalho regradas por elementos mercantis, embora constituindo-se em um aparelho ideológico do estado capitalista.

Affreixo & Freyre ao discorrer sobre o item DESINTERESSE afirmam que:

> "A vida do professor primário é antes missão do que indústria. O desinteresse deverá, pois ser uma das suas mais necessárias qualidades.
> Se o professor atender só aos lucros pecuniários que tiver a auferir da escola, e der menos apreço aos frutos que dela há a colher em prol da humanidade, expõe-se a ser acoimado de interesseiro e a perder a estima da povoação." (1875:12)

Estes autores, por sua vez, fugindo um pouco da preocupação dominante, a par, de enfatizarem os elementos até aqui enfocados também apresentam como elemento importante no desempenho profissional o **Amor pelo Estudo.** Nestes autores, observa-se que "o professor encarregado de transmitir grande número de conhecimentos a seus alumnos deve, além de uma instrucção sólida, ter um decidido empenho de a enriquecer cada vez mais." (Affreixo & Freyre, 1875:10)

A rigor, o que se desconstruía era a imagem de um professor identificado por uma excessiva rigidez de comportamento que o colocava com determinadas características tipificada com atitudes relativamente toscas e mesmo brutas.

Este tipo de educação, por vezes, era estereotipado de forma a realçar as pretensas características modernas dos novos processos educativos. Segundo Vicente Antonio Apollaro:

> "o sistema até então usado era o repressivo. Consiste este em tornar a lei patente aos súditos e, após, vigia-los para surpreender os transgressores e infligir-lhes, se preciso for, o competente castigo. Segundo este sistema, o rosto e as palavras do superior devem se revestir de severidade e ameaça, evitando por quanto possível, qualquer familiaridade com os subordinados." (1916: 404)

Aluísio Azevedo, em 1883, na sua obra *Casa de pensão*, faz uma descrição muito emblemática do professor de então:

> "O mestre, um tal Antonio Pires, homem grosseiro, bruto, de cabelo duro e olhos de touro batia nas crianças por gosto, por um hábito do ofício. Na aula só falava a berrar, como se dirigisse uma boiada. Tinha as mãos grossas, a voz áspera, a catadura selvagem; e quando metia p'ra dentro um pouco mais de vinho, ficava pior.
> Amâncio, já na Corte, só de pensar no bruto, ainda sentia os calafrios dos outros tempos, e com eles vagos desejos de vingança. Um mal querer doentio invadia-lhe o coração, sempre que se lembrava do mestre e do pai. Envolvia-os no mesmo ressentimento, no mesmo ódio surdo e inconfessável.
> Todos os pequenos da aula tinham birra ao Pires. Nele enxergavam o carrasco, o tirano, o inimigo e não mestre; mas, visto que qualquer manifestação de antipatia redundava fatalmente em castigo, as pobres crianças fingiam-se satisfeitas; riam muito quando o beberrão dizia alguma chalaça, e afinal, coitadas! Iam-se habituando ao servilismo e á mentira.
> Os pais ignorantes, viciados pelos costumes bárbaros do Brasil, atrofiados pelo hábito de lidar com escravos, entendiam que aquele animal era o único professor capaz de 'endireitar os filhos'.
> Elogiavam-lhe a rispidez, recomendavam-lhe sempre que 'não passasse a mão pela cabeça dos rapazes' e que, quando fosse preciso, 'dobrasse por conta deles a dose de bolos'." (Azevedo, 1940:22-3)

Embora, a literatura pode caricaturar a figura do professor do século XIX nunca é demais destacar a reincidência das descrições dos mesmos, de modo geral, sempre enfatizando a perfeita afinidade entre o comportamento abrutalhado do professor e a expectativa que o pai tinha em relação ao agir e pensar do professor. Reconhecendo que "mais tarde ele havia de agradecer aquelas palmatoadas" (idem: 23)

Manuel Antônio de Almeida, em 1853, no seu trabalho "Memórias de um Sargento de Milícias" praticamente corrobora a mesma descrição de Aluízio de Azevedo.

> "Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por *dá cá aquela palha*. Por isso era um dos mais acreditados da cidade." (1862:72)
> "As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado áquilo, escutava impassível, com uma enorme palmatória na mão, e o menor erro que algum dos discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo o barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando

> o erro cometido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos." (idem p, 73)

O pai ao se despedir não deixa de alertar "peço-lhe que não o poupe" referindo-se ao uso da palmatória que o pedagogo denominava de 'santa ferula' e que considerava o seu "santo remédio".

Em "A normalista" Adolpho Caminha descreve assim o professor:

> "João da Mata era um sujeito esgrouvinhado, esguio e alto, carão magro de tísico, com uma cor hepática denunciando vícios de sangue, pouco cabelo, óculos escuros através dos quais boliam dois olhos miúdos e vesgos. Usava pêra e bigode ralo caindo sobre os beiços tezos como fios d'arame; a testa ampla confundia-se com a meia calva reluzente. Falava depressa, com um sotaque abemolado, gesticulando bruscamente, e, quando ria punha em evidência a medonha dentiça postiça. (...) Era então simplesmente o professor Gadelha, o terror dos estudantes de gramática" (1893, p. 10)

TAUNAY em "Trechos de minha vida", faz a seguinte descrição de seu professor

> "Muito vermelho com o rosto inflamado e puxando para o roxo, cheio de espinhas e até furunculos, olhos pequenos debaixo da sobrancelha em matagal, tinha cabelos ralos, falripas compridas que puxava para cima de um craneo sujo. Além disto, rangia a cada momento os dentes, provindo d'ahi uma tortura natural da boca.
> (...)
> Quando batia a sineta da portaria, eu tomava respiração, pois conhecia que não merecera as simpatias daquele ser caprichoso e inatamente mau, tirano dos pequenos e tímidos, e baixo com os filhos dos potentados." (TAUNAY, 1921, p. 60)

Por fim, embora tivéssemos muitas outras descrições, Graciliano Ramos em "*Infância" escreveu sobre seu professor::*

> "Este não tinha um lugar definido na sociedade. Para bem dizer, não tinha lugar definido na espécie humana: era um tipo mesquinho, de voz fina, modos ambíguos, e passava os dias alisando o pixaim com uma escova de cabelos duros. Azeite e banha não domavam a carapinha – e o dono teimava, esfregava-a constantemente, mirando num espelho, namorando-se, mordendo a ponta da língua. Era feio quase negro – e a feiúra e o pretume o afligiam. Porque tinha senso de beleza, mas procurava-a loucamente no seu corpo mofino. Friccionava-se, empoava-se, arrebicava-se examinava-se no vidro, entortando os bugalhos estriados de vermelho." (RAMOS, 1945, p. 202)

> "As vezes, porém, o espelho nos anunciava borrasca. O desgraçado não se achava liso e alvacento, azedava-se, repentina aspereza substituía a doçura comum. Arreava na cadeira, agitava-se, parecia mordido de pulgas. Tudo lhe cheirava mal. Segurava a palmatória como se quisesse derrubar com ela o mundo. E nós, meia dúzia de alunos, tremíamos da cólera maciça, tentávamos esconder-nos uns por detrás dos outros. Daríamos os nossos cabelos, e trocaríamos as nossas figuras por aquela miséria que se acabrunhava junto à mesa. Porque se aperreava tanto ? Insignificâncias.
> (...)
> O infeliz não pretendia ser homem. E ali estava, sucumbido, enxofrado, ressumando peçonha. E os olhos ensanguentavam-se, os dentes rangiam. E consertava-nos furiosamente a pronúncia, obediente a vírgulas e pontos, forçava-nos a repetir uma frase dez vezes, punha notas baixas nas escritas, rasgando o papel, farejava as contas até que o erro surgia e se publicava com estridência arrepiada. Neste policiamento súbito acuávamos – e as folhas virgens endureciam." (Idem, p. 204)

Em suma o que se observa é que houve no Brasil a constituição de um protótipo de professor das séries iniciais que se caracterizou por eliminar os elementos acima descritos e substituir por outros ditos feminis, isto é propugnou-se a feminilização do magistério.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Manoel Antonio de. **Memórias de um Sargento de Milícias.** Pelotas, Typ. Do Comércio de Joaquim F. Nunes, 1862.

APOLLARO, Vicente Antonio. Sistema Pedagógico Salesiano na Educação da Criança In **Primeiro Congresso Americano da Criança**, 1916.

AZEVEDO, Aluízio. **Casa de Pensão.** Rio de Janeiro, F. Briguet, 1940, 9ª ed.

CAMINHA, Adolpho. **A Normalista.** Rio de Janeiro, Magalhães & C.,.

CHARBONNEAU, Michel. **Curso Theorico e Pratico de Pedagogia.** Porto, Livraria Internacional, 1877.

COSTA, D. Antonio da. **A instrução nacional.** Lisboa, Imprensa Nacional, 1870.

DALIGAULT, Mr. **Curso de pedagogia destinado aos alunos-mestres das escholas normaes primarias.** Rio de Janeiro, Livraria Popular, 1874.

DEGERANDO, Barão. **Curso normal para professores de primeiras letras ou direções relativas a educação physica, moral e intellectual nas escolas primárias.** Nictheroy, Typ. Nictheroy de M. G. de S. Rego, 1839.

OLIVEIRA, A. de Almeida. **O ensino público.** Brasília, Senado Federal, 2003.

RAMOS, Graciliano. **Infância.** São Paulo, José Olympio, 1945.

TAUNAY, Visconde de. **Trechos de minha vida.** S. Paulo, Melhoramentos, 1921.